O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano V | Volume 14 | Nº 42 | Boa Vista | 2023

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

https://doi.org/10.5281/zenodo.8018771

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.ioles.com.br/boca

ESTÁDIOS DA COPA DO MUNDO DA FIFA DE 2014: LEGADO POSITIVO OU NEGATIVO?

Luiz Alberto Pilatti[1]

Gabrielly de Queiroz Pereira[2]

José Roberto Herrera Cantorani[3]

Luiz Marcelo de Lara[4]

Douglas Paulo Bertrand Renaux[5]

Resumo

O presente estudo tem como objetivo analisar se os estádios construídos para a Copa do Mundo da FIFA de 2014 deixaram um legado positivo ou negativo nas cidades-sede e nos estados em que se encontram. O estudo realizado tem natureza exploratória. Em relação aos procedimentos técnicos adotados, caracteriza-se como um levantamento. A análise dos dados foi realizada por meio de estatística descritiva. Foi constatado que sete estádios da Copa de 2014 apresentam utilização adequada, dois estádios foram classificados como questionáveis, com situações transitórias que podem evoluir para um legado positivo ou negativo, e três estádios foram classificados como de utilização inadequada, tendo uso restrito e sendo deficitários, configurando-se como elefantes brancos e representando um legado negativo. Conclui-se que, em relação aos estádios, o legado deixado pela Copa do Mundo da FIFA apresenta um balanço mais positivo do que negativo, apesar da existência de três elefantes brancos.

Palavras-chave: Copa do Mundo da FIFA de 2014; Estádios; Legado.

Abstract

The present study aims to analyze whether the stadiums built for the 2014 FIFA World Cup left a positive or negative legacy in the host cities and states where they are located. The study conducted has an exploratory nature. In terms of the technical procedures adopted, it is characterized as a survey. The data analysis was carried out through descriptive statistics. It was found that seven stadiums from the 2014 World Cup have appropriate utilization, two stadiums were classified as questionable, with transitional situations that may evolve into a positive or negative legacy, and three stadiums were classified as inadequately utilized, with restricted use and being financially unsustainable, representing a negative legacy and serving as white elephants. It can be concluded that, regarding the stadiums, the legacy left by the FIFA World Cup presents a more positive than negative balance, despite the existence of three white elephants.

Keywords: 2014 FIFA World Cup; Legacy; Stadiums.

INTRODUÇÃO

Apesar das promessas de legado oriundo da realização de megaeventos esportivos, a pressão popular já levou muitos países a desistirem de sediar tais eventos (RIBEIRO *et al*, 2022). Os Jogos Olímpicos de Inverno de 2022 e 2025 enfrentaram oposição significativa, como evidenciado pelos referendos locais realizados em 31 ocasiões. Desses referendos, mais da metade (18) resultou em votos

[1] Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: lapilatti@utfpr.edu.br

[2] Graduada em Engenharia Elétrica. Mestranda em Engenharia de Produção pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: gabriellyp@alunos.utfpr.edu.br

[3] Professor do Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: cantorani@ifsp.edu.br

[4] Professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Doutor em Ensino de Ciência e Tecnologia pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). E-mail: luizmarcelolara@hotmail.com

[5] Professor da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Doutor em Electrical and Computer Engineering pela University of Waterloo. E-mail: douglasrenaux@utfpr.edu.br

negativos, uma tendência que se intensificou no século XXI (CHAPPELET, 2021). Na África do Sul, protestos foram registrados durante a Copa do Mundo de 2010 (BETTINE, 2023). No Brasil, ocorreram manifestações durante a Copa das Confederações de 2013 e a Copa do Mundo de 2014 (BUTLER; AICHER, 2015). No Japão, houve protestos antes e durante os Jogos Olímpicos de Verão de 2020, realizados em Tóquio (BOYKOFF; GAFFNEY, 2020).

Um ano antes da Copa do Mundo de 2014, o Brasil enfrentava sérios problemas econômicos e sociais, gerando protestos contra o evento. Muitos brasileiros viam a realização do evento como um desperdício de dinheiro em meio às necessidades básicas da população (BUTLER; AICHER, 2015). Poucos dias antes da abertura, a mídia ainda cobria o evento de forma negativa, com muitas pessoas considerando-o um grande desperdício de recursos públicos (MOORE, 2017).

Um dos principais problemas enfrentados na preparação para a Copa de 2014 foi o atraso das obras. As reformas nos estádios e as obras de infraestrutura sofreram atrasos, e alguns estádios foram entregues apenas algumas semanas antes do início do evento. Isso gerou pressão e incerteza em relação à capacidade do país de sediar a Copa com sucesso, além de aumentar significativamente os custos. Esses atrasos e problemas de gestão foram amplamente criticados, sendo apontados como exemplos de má administração e desperdício de recursos públicos, produzindo protestos e críticas no país e no exterior (MOORE, 2017). No entanto, após o início do evento, a mídia internacional declarou que a Copa do Mundo foi um grande sucesso.

As questões referentes ao legado dos megaeventos são amplamente discutidas na literatura: Preuss (2010) apresenta o legado dos megaeventos esportivos de uma maneira amplamente conceitual. Li e McCabe (2012) mensuram os legados socioeconômicos dos megaeventos, apontando conceitos, proposições e indicadores. Castro e Souza (2015) discutem o legado dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos 2016. Deng, Poon e Chan (2016) analisam os legados construídos no megaevento da Expo 2010 em Shanghai, China. Kaplanidou *et al.* (2016) levantam aspectos a respeito de um estudo de caso do legado empresarial na Copa do Mundo de 2022 no Qatar. Scheu e Preuss (2018) examinam a percepção dos residentes de Hamburgo em relação à candidatura olímpica de Hamburgo para os Jogos Olímpicos de 2024. Dansero e Puttilli (2010) analisam o legado do turismo em megaeventos a partir de um estudo de caso dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2006 em Turim. Em relação especificamente à Copa do Mundo, Hahm, Kang e Matsuoka (2020) verificaram o legado da Copa do Mundo de 2002 na Coreia do Sul e Japão; e Wellings (2010) analisou o legado da Copa do Mundo de 2010 na América do Sul. E, mais especificamente em relação ao legado da Copa de 2014, Reis, Telles e Costa (2013) e Reis *et al*. (2019), discutem o contexto baseado no antes e no depois.

No cenário tracejado, o presente estudo tem como objetivo analisar se os estádios construídos para a Copa do Mundo da FIFA de 2014 deixaram um legado positivo ou negativo nas cidades-sede e nos estados em que se encontram, considerando o período compreendido entre o pós-Copa e o ano de 2022. Pretende-se, dessa forma, contribuir para ampliar a discussão sobre os impactos da realização de megaeventos esportivos e os legados propagados pelos organizadores, com vistas a promover um debate crítico e reflexivo acerca desse tipo de evento. Na literatura não foi localizado nenhum estudo com uma distância temporal entre o evento e a análise tão extensa, o que produz uma perspectiva nova.

MÉTODO

O estudo realizado tem natureza exploratória. Em relação aos procedimentos técnicos adotados, caracteriza-se como um levantamento.

O corpus documental foi composto por documentos alocados no banco de dados disponibilizado por Lois (2022), acessíveis ao público, acerca dos empreendimentos realizados para a Copa do Mundo de 2014. Os documentos disponibilizados foram obtidos com solicitações, via Lei de Acesso à Informação, aos órgãos municipais, estaduais e federais, além da realização de entrevistas com dezenas de pessoas e consultas a empresas públicas e privadas.

Para classificar os estádios utilizados na Copa do Mundo da FIFA de 2014 foram criadas três categorias de acordo com sua utilização média por ano. Os estádios com mais de 16 partidas nas séries A ou B do Campeonato Brasileiro foram classificados como tendo utilização adequada, aqueles com utilização entre 9 e 16 partidas foram considerados como utilização questionável e os que tiveram até 8 partidas foram classificados como tendo utilização inadequada.

A análise dos dados levantados foi realizada por meio da utilização da estatística descritiva.

O IMPACTO DURADOURO (OU NÃO) DAS COPAS DO SÉCULO XX

Neste século, até a Copa da África do Sul, o legado das Copas do Mundo teve uma conotação distinta da atual. Ao contrário do que ocorreu no país africano, a ênfase no legado de infraestrutura não foi central nos países sedes anteriores. Em nações desenvolvidas como Japão e Coreia do Sul (2002) e Alemanha (2006), a infraestrutura esportiva já era avançada e atendia aos padrões internacionais antes mesmo da realização dos eventos. Dessa forma, os organizadores e governos desses países direcionaram seu foco principalmente para a organização do evento em si, com a atualização dos estádios, logística eficiente e garantia de segurança adequada. Na literatura, há escassez de estudos que se dedicaram à

avaliação do legado deixado por essas Copas, especialmente no que se refere à utilização dos estádios construídos ou reformados para o evento.

Pode-se ilustrar o mencionado com base em uma análise realizada no Japão, que teve como objetivo examinar a relação entre a Copa do Mundo de 2002 e o desenvolvimento da infraestrutura social e futebolística no contexto japonês contemporâneo (HORNE, 2010). O estudo constatou que as iniciativas voltadas para o futebol e a realização do evento com propósitos esportivos beneficiaram principalmente o crescimento do esporte como um espetáculo comercial, em detrimento de sua prática diária. Objetivos relacionados, como a realocação da população do centro para a periferia, a geração de renda econômica e a melhoria geral da qualidade de vida da população japonesa como um todo, não foram alcançados de forma significativa

Eick (2011), na perspectiva de um legado, analisou o extenso aparato de segurança utilizado durante a Copa da Alemanha, com mais de 250.000 policiais, 7.000 militares, 20.000 seguranças privados e voluntários. Tecnologias de vigilância, como AWACS, robôs e câmeras, foram usadas, e dados pessoais de funcionários da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) e solicitantes de ingressos foram armazenados. O estudo também examinou a desmontagem seletiva do aparato de segurança pós-evento e destaca a securitização contínua promovida pela FIFA nas cidades anfitriãs e pós-anfitriãs.

Na África do Sul, a realização do evento representou uma oportunidade para transformações significativas no país, incluindo investimentos em infraestrutura, desenvolvimento urbano e inclusão social. A avaliação do legado desse evento, principalmente na edição de 2010, e posteriormente no Brasil em 2014, foi extensa e abrangente, em comparação com as Copas anteriores e ulteriores.

Em estudo conduzido por Molloy e Chetty (2015) foi realizada uma análise da gestão e organização do programa de construção de estádios na África do Sul para sediar a Copa do Mundo de Futebol da FIFA em 2010, bem como o impacto desse processo no atual legado de estádios superprojetados e subutilizados. Ao comparar os benefícios esperados do programa de construção de estádios com o legado atual, identificou-se um problema fundamental: embora houvesse uma estrutura central governamental, as cidades operavam de forma independente. No entanto, devido à natureza interdependente dos projetos, que abrangiam aspectos como fontes de financiamento, a realização do megaevento, o envolvimento de várias partes interessadas e o planejamento pós-evento em conformidade com os requisitos da FIFA, o sucesso dos estádios dependia de uma estratégia clara e unificada. A falta de integração adequada foi um fator crítico na organização dos estádios da Copa do Mundo de 2010 e, consequentemente, afetou o legado deixado.

Ao comparar com a Copa do Brasil, Molloy e Chetty (2015) identificaram semelhanças notáveis, como um processo altamente fragmentado, altos gastos de capital e um legado afetado pela "síndrome do elefante branco". Os autores também destacaram que o legado dos estádios da Copa do Mundo está inserido em uma paisagem mais ampla, em contraste com os Jogos Olímpicos, que ocorrem em uma única cidade. Esses processos inadequados, como os ocorridos nesses países, resultam em um custo do entretenimento esportivo mundial suportado por aqueles que são menos capazes de arcar com tais despesas.

Constatações semelhantes foram feitas por Humphrey e Fraser (2016) ao analisar o investimento do governo sul-africano, que totalizou aproximadamente US$ 1,57 bilhão para o desenvolvimento de novos estádios e US$ 523 milhões para melhorias nos estádios existentes. A fim de avaliar os benefícios de utilização decorrentes desses estádios, foram consideradas a taxa de utilização e o índice de utilização. Os resultados dessa análise revelaram um declínio significativo na utilização dos estádios após o evento, além de custos exorbitantes associados à construção dos estádios para a Copa do Mundo FIFA de 2010, que se mostraram desproporcionais à subutilização subsequente. Como resultado, o país-sede foi confrontado com um legado de estádios superprojetados, subutilizados e que representam um fardo financeiro significativo.

Em "Development and Dreams: The Urban Legacy of the 2010 Football World Cup", são destacados diversos aspectos relacionados à Copa do Mundo de 2010 na África do Sul. Além dos altos custos dos estádios, o estudo aborda questões como a realocação de comunidades marginalizadas e as controvérsias em torno das desigualdades sociais e econômicas agravadas pelo evento esportivo. As expectativas em relação aos potenciais benefícios materiais e simbólicos de sediar megaeventos, como a possibilidade de geração de renda para a população, a construção de uma nova imagem de eficiência e hospitalidade para a África do Sul, bem como uma oportunidade para o continente africano como um todo se afastar da imagem de subdesenvolvimento e se tornar um destino turístico atrativo, foram infladas nos anos que antecederam o evento. No entanto, essas expectativas nunca foram completamente realizadas e foram amplamente superestimadas, deixando um sentimento de frustração. No que diz respeito aos estádios, o estudo apresenta dois cenários distintos: estádios com sucesso financeiro e estádios com desafios financeiros. Alguns estádios conseguiram se manter financeiramente viáveis ao sediar eventos esportivos regulares e gerar receita suficiente para cobrir os custos de manutenção. Por outro lado, alguns estádios enfrentaram dificuldades financeiras, com baixa demanda de eventos e a necessidade de buscar financiamento adicional para sua sustentabilidade (PILLAY; TOMLINSON; BASS, 2010).

No estudo de Manzo (2012), o objetivo é destacar como as ideias futuristas de "futebol agora, desenvolvimento depois" estão baseadas em dois elementos visíveis de esperança: o espetáculo do megaevento esportivo e as infraestruturas, principalmente os estádios de futebol, além de um menor grau de investimento em transporte público. Esses elementos visuais representam um modelo de desenvolvimento voltado para o exterior, com o intuito de impulsionar investimentos estrangeiros e turismo, atrair a atenção da mídia, exibir modernidade e transmitir imagens positivas da África para o mundo. No entanto, a realização desses objetivos enfrenta limitações evidentes devido a dois fatores principais. O primeiro é a natureza da cobertura midiática sobre a África do Sul, que pode influenciar a percepção do país e impactar a atração de investimentos e turistas. O segundo fator é a própria natureza do modelo de desenvolvimento modernista subjacente, que não oferece uma fórmula clara para alcançar o desenvolvimento humano sustentável tão prometido pelo Estado sul-africano.

Preuss, Solberg e Alm (2014), em extensa revisão, constataram que a maioria dos estudos acadêmicos concluiu que as receitas tangíveis geradas nas regiões anfitriãs tendem a ser moderadas em comparação com os investimentos. Embora as receitas dos eventos possam ser substanciais, uma grande parte delas é normalmente transferida de volta para as organizações responsáveis por sua gestão, principalmente a FIFA. Um exemplo disso é o Campeonato do Mundo de 2010 na África do Sul, no qual a FIFA gerou 2,35 bilhões de dólares em receitas, superando os custos de todos os estádios, que totalizaram 2,07 bilhões de dólares.

O Mundial da Rússia se destacou por sua lógica distinta em relação aos anteriores. A crise econômica de 2010 teve um impacto significativo na economia política do país, resultando em uma redução na renda disponível para financiar a lealdade política. Essa crise também afetou diretamente os preparativos para a Copa do Mundo de Futebol de 2018. Diante desse contexto, o sistema vigente passou por adaptações políticas e econômicas como resposta à crise econômica enfrentada. De acordo com Wolfe e Müller (2018), três importantes adaptações ocorreram durante os preparativos para a Copa do Mundo com um neopatrimonialismo: uma diminuição do investimento privado acompanhada de um aumento correspondente no financiamento público, uma reorganização das elites privilegiadas e um aumento nos custos associados à lealdade política.

Em outro estudo, Müller e Wolfe (2014) previram que a Copa do Mundo de 2018 na Rússia se tornaria o evento mais caro da história, com um custo de 21 bilhões de dólares. Desde a fase inicial, as estimativas equivocadas de custos já indicavam que a conta final seria muito mais alta. O preço dos 12 estádios aumentou de 2,8 bilhões de dólares para os atuais 6,9 bilhões de dólares, mesmo antes da construção da maioria dos estádios ter começado. Esses custos projetados colocam os estádios russos entre os mais caros do mundo, com um custo por assento mais do que o dobro do custo no Brasil. Além

disso, em um mercado de ingressos estagnado da Premier League russa, os novos estádios iriam agravar o problema do excesso de capacidade. Diante das perspectivas econômicas da Rússia, Müller e Wolfe (2014) projetaram que a Copa do Mundo de 2018 seria um fardo para o desenvolvimento econômico do país, devido à má alocação de recursos escassos.

Já o Catar adotou uma abordagem distinta ao utilizar a Copa do Mundo como uma estratégia de soft power. Brannagan e Giulianotti (2015) observaram que o país buscava atrair atenção internacional e fortalecer sua reputação ao exibir qualidades como profissionalismo, responsabilidade, inovação e liderança bem-sucedida, enfatizando sua supremacia como um microestado. No entanto, essa estratégia de soft power foi acompanhada por um "soft desempowerment" do Catar, evidenciado por críticas relacionadas a subornos na obtenção do megaevento, leis controversas em relação aos direitos dos homossexuais, preocupações sobre a realização de uma Copa do Mundo de inverno e violações dos direitos humanos dos trabalhadores migrantes.

Na direção do legado, há uma ênfase na redução dos impactos negativos e na manutenção da sustentabilidade da infraestrutura associada ao megaevento. A construção da infraestrutura necessária é a principal e inevitável fonte de emissões de gases de efeito estufa, sendo os estádios os principais responsáveis (AL SHOLI *et al*., 2023). No caso da Copa do Catar, pela primeira vez, foi utilizado um estádio totalmente desmontável, o Stadium 974. Essa estratégia, comum em equipamentos destinados aos Jogos Olímpicos, indica que o país não tem interesse em manter uma estrutura que será subutilizada e busca ter no seu soft power a sustentabilidade.

Em termos de legado, as seis Copas realizadas neste século revelam preocupações distintas. As preocupações mais próximas estão relacionadas às Copas da África do Sul e do Brasil.

REPERCUSSÕES DA ADOÇÃO DO PADRÃO FIFA NA COPA DO MUNDO NO BRASIL

O padrão FIFA adotado na Copa do Mundo de 2014 causou indignação em um país com milhões de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza. A realização do evento era vista como um desperdício de dinheiro em meio às necessidades básicas da população (BUTLER; AICHER, 2015; MOORE, 2017).

Para poder sediar o megaevento, o Brasil se comprometeu com uma série de normas e recomendações de construções e reformas, englobando infraestrutura, transporte, segurança e conforto para jogadores, torcedores e jornalistas (REIS *et al*., 2019). Um estádio que segue este conjunto de requisitos estabelecidos pela FIFA é denominado Padrão FIFA, e engloba critérios específicos como a capacidade mínima do estádio, tamanho do gramado, número de vestiários, presença de telões e

sistemas de som, além de áreas específicas para a imprensa e torcedores com necessidades especiais (FIFA, 2011).

Na Copa do Mundo de 2014, realizada no Brasil, foram utilizados 12 estádios que atenderam às exigências da FIFA, conforme o documento "*Technical recommendations and requirements 2011*" (FIFA, 2011). As principais exigências que os estádios brasileiros tiveram que cumprir estão sintetizadas no Quadro 1.

Quadro 1 – Principais exigências FIFA para estádios sediarem a Copa do Mundo

Tópico	*Principais exigências FIFA*
Infraestrutura e Conforto	O estádio deveria estar situado em um local que tivesse espaço suficiente para fornecer áreas externas seguras e espaçosas, incluindo espaço para estacionamento, circulação e atividades públicas.
	Capacidade mínima de 40.000 lugares para os estádios que sediaram jogos da fase de grupos e oitavas de final, e capacidade mínima de 60.000 lugares para os estádios que sediaram os jogos das quartas de final, semifinais e final.
	A localização ideal para o estádio deveria ser no centro da cidade com acesso conveniente e múltiplo às principais estradas, transporte público e aeroporto internacional.
	Ao projetar os estádios, foi importante considerar o ângulo do campo de jogo em relação ao sol e às condições meteorológicas predominantes para proteger os participantes, espectadores e representantes da mídia do brilho solar. No entanto, também era essencial garantir luz solar suficiente em todos os lados do campo para sustentar o crescimento saudável da grama.
	Os estádios deveriam ser multiuso.
	O campo de jogo deveria ter dimensões mínimas de 105 metros de comprimento e 68 metros de largura.
	Os estádios deveriam ser equipados com sistemas modernos de iluminação para permitir jogos noturnos.
	Os estádios deveriam ter instalações modernas de alimentos e bebidas, incluindo restaurantes, bares e lanchonetes.
	Os estádios deveriam ter instalações adequadas para pessoas com deficiência, incluindo lugares especiais para cadeiras de rodas e banheiros adaptados.
	Deveriam existir instalações sanitárias suficientes para ambos os sexos e para pessoas com deficiência e deveriam ser fornecidas dentro do perímetro de segurança do estádio.
	Estádios com capacidade acima de 50.000 lugares deveriam dispor de dois telões de 70m² cada.
	O estádio deveria contar com espaço especial VIP que fornecesse comodidades exclusivas aos espectadores.
	Os estádios deveriam ser projetados para permitir que instalações de última geração trouxessem a cobertura da mídia de futebol da mais alta qualidade para as casas de milhões de pessoas em todo o mundo.
	O estádio deveria contar com um sistema de comunicação e rede eficaz e de alta qualidade.
	Os estádios deveriam ter a presença de modernos sistemas de som, placar eletrônico e painéis de vídeo.
	O estádio deveria contar com a instalação de assentos numerados e cadeiras confortáveis, com espaço suficiente entre cada uma para permitir o movimento dos espectadores.
	Os assentos do estádio deveriam ser individuais e afixados à estrutura da arquibancada, com largura mínima de 47 cm, encosto de ao menos 30 cm de altura e distância mínima de 85 cm de assento a assento.
	O plano de emissão de bilhetes deveria ser elaborado para eliminar a possibilidade de fraude e corrupção e reduzir as tentativas de falsificação.
	O estádio deveria possuir áreas com terminal de ônibus, terminal de táxi e transporte para o aeroporto.
	O estádio deveria contar com a presença de telefones públicos.
	Todos os assentos deveriam ter boa visibilidade do campo e telas de vídeo deveriam estar disponíveis para os espectadores que não têm uma visão clara do campo.
Sustentabilidade	O estádio deveria ser projetado de maneira sustentável, com redução de emissões de carbono e uso de recursos naturais.
	O estádio deveria considerar as certificações sustentáveis existentes, tais como Leadership in Energy Efficient Design (LEED), Building Research Establishment Environmental Assessment Method (BREEAM) e Green Building star ratings.
	Os estádios deveriam incorporar fontes de energia renováveis, como solar e eólica.
	Os estádios deveriam ter planos de gerenciamento de resíduos para minimizar a geração de lixo e garantir que os resíduos fossem tratados de forma adequada.
	Os estádios deveriam promover o transporte sustentável, incentivando a utilização de bicicletas e transportes públicos, além de oferecer estacionamento para carros elétricos e híbridos.
Segurança e Proteção	O estádio deveria possuir um sistema completo de vigilância por televisão.
	O estádio deveria contar com câmeras de alta qualidade em todos os setores.
	O estádio deveria possuir um centro médico para espectadores (deveria haver pelo menos um centro médico para espectadores por setor).
	A infraestrutura do estádio deveria cumprir os padrões de segurança (entradas, saídas, portas, escadas).
	O estádio deveria conter rotas seguras de evacuação de emergência.
	O estádio deveria contar com a presença de policiais, bombeiros e médicos.
	O estádio deveria possuir um sistema eficaz de segurança contra incêndio.
	O estádio deveria contar com um controle de acesso rigoroso.

Fonte: Elaboração própria. Base de dados: FIFA (2011).

A exigência do padrão FIFA para a Copa do Mundo de 2014 gerou uma discussão acalorada entre aqueles que defendiam que a adoção desse padrão traria benefícios para o país, como a modernização dos estádios e da infraestrutura urbana (MILITO; JUNIRO; ALEXANDRE, 2015) e aqueles que argumentavam que a implementação desse padrão era desnecessária e que o dinheiro gasto com a construção de novos estádios poderia ser utilizado em outras áreas mais importantes do país (MUNDIM; SILVA, 2019). Após os investimentos realizados, muitas manifestações populares criticaram os gastos no megaevento esportivo que o país sediou, e a principal reclamação esteve relacionada ao fato de que os recursos deveriam ter sido direcionados para a saúde, a educação e outros serviços básicos (BUTLER; AICHER, 2015). Essa percepção foi elucidada por frases como: "Queremos educação padrão FIFA" e “Estádios já temos, agora só falta construir um país em volta” (ZORZO, 2013). Isso refletiu a ideia de que se a FIFA podia exigir um alto padrão do governo brasileiro, a população também poderia (OLIVEIRA, 2021).

Para além dos altos investimentos, as críticas – após a realização do evento – se ampliaram em direcionamento aos atrasos, à má gestão das obras, à criação de estádios subutilizados (os chamados "elefantes brancos") e aos gastos excessivos (COSTA, 2013). O poder público foi responsável por 74% dos gastos, divididos entre o Governo Federal (33%), os Governos Estaduais (34%) e os Governos Municipais (7%), enquanto a iniciativa privada se responsabilizou por apenas 26% dos recursos (SANTOS JUNIOR; LIMA, 2015). Embora sediar um megaevento esportivo tenha sido uma grande oportunidade para o Brasil (AMARAL; PEREIRA; SANTANA, 2010), a insatisfação da população em relação aos custos e benefícios desses eventos gigantescos persiste até hoje, evidenciando a complexidade e os desafios de sediar tais eventos em um país com tantas demandas e desigualdades sociais (OLIVEIRA, 2021).

O preço da festa: os custos da Copa do Mundo no Brasil

A realização da Copa do Mundo no Brasil foi marcada por investimentos significativos em obras de infraestrutura, especialmente na construção e reforma dos estádios que sediaram os jogos. A justificativa para pôr investimentos tão vultuosos passa objetivo de atender aos padrões estabelecidos pela FIFA em termos de estrutura, organização e logística (PRONI; FAUSTINO; SILVA, 2014). Após quase uma década desde a abertura oficial do megaevento, ainda existem obras inacabadas (BONDARIK; PILATTI; HORST, 2020). A falta de monitoramento dificulta a determinação de um valor preciso, mas o relatório final de prestação de contas do Ministério do Esporte, com base em dados

de 2014, estimou o valor em R$ 27,1 bilhões; contudo, não considerou outros gastos que não estavam na Matriz de Responsabilidades (LOIS, 2022).

Além dos investimentos listados na Matriz de Responsabilidades, foram realizadas reformas e construções de centros de treinamento para a utilização das seleções durante a Copa de 2014 (LOIS, 2022). Algumas dessas instalações estavam localizadas fora das cidades-sede e receberam financiamento público. Adicionalmente, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) se comprometeu a construir Centros de Desenvolvimento do Futebol em 15 estados que não sediaram jogos da Copa, com recursos provenientes do Fundo de Legado da FIFA. Parte desse fundo foi direcionado para iniciativas relacionadas às categorias de base, futebol feminino, projetos sociais e ações para médicos e unidades do projeto Gol Brasil da confederação (LOIS, 2022).

Em 2022 foi estimado que os projetos relacionados à Copa do Mundo tenham custado mais de R$ 31,2 bilhões, incluindo investimentos privados (LOIS, 2022). Mas, a falta de transparência dificulta a determinação do investimento total. Cerca de 77,5% dos projetos foram concluídos, enquanto o restante está em andamento ou foi abandonado. Anteriormente, o site da transparência da Controladoria-Geral da União (CGU) permitia monitorar os gastos relacionados à Copa do Mundo de 2014, mas esse portal deixou de estar disponível em junho de 2018. A inclusão de projetos não essenciais para o evento – mas que visavam gerar legado e estimular investimentos em infraestrutura – gerou críticas ao custo geral da Copa, segundo o ex-secretário executivo do Ministério do Esporte, Luís Fernandes. Fernandes estima que menos de um quarto do valor total da Matriz de Responsabilidades era de obras diretamente relacionadas ao evento (LOIS, 2022).

De acordo com Bondarik, Pilatti e Horst (2020), os investimentos planejados para a Copa do Mundo FIFA 2014 não foram totalmente realizados, o que confirma a hipótese de que os gastos foram subestimados e a magnitude dos benefícios do legado esperado foi superestimada. A pesquisa aponta que muitos projetos e ações considerados necessários e justificados para o megaevento não foram concluídos, tornando os estádios um fardo financeiro para as cidades-sede. Além disso, o retorno financeiro dos estádios foi limitado. Os autores concluem que o discurso em torno dos benefícios da Copa do Mundo de 2014 não se materializou na prática, uma vez que o legado dos estádios para as cidades-sede foi pouco expressivo.

A Tabela 1 apresenta um resumo dos gastos previstos e realizados com o evento, demonstrando a magnitude dos investimentos realizados.

Tabela 1 - Investimentos na Copa do Mundo de 2014

Área	*Orçamento inicial (janeiro 2011)*	*Investimentos (junho 2022)*
Estádios	R$ 5,6 bilhões	R$ 8,4 bilhões
Mobilidade urbana	R$ 11,9 bilhões	R$ 8,3 bilhões
Aeroportos	R$ 5,6 bilhões	R$ 11,1 bilhões
Portos	R$ 0,7 bilhões	R$ 0,7 milhões
Segurança e defesa	Não previsto	R$ 0,9 bilhões
Telecomunicações	Não previsto	R$ 0,4 bilhões
Turismo	R$ 0,7 bilhões	R$ 0,6 bilhões
Instalações complementares	Não previsto	R$ 0,8 bilhões
Total	R$ 25,5 bilhões	R$ 31,2 bilhões

Fonte: Elaboração própria. Adaptada de Lois (2022).

Na Tabela 2 são apresentados os 12 estádios utilizados na Copa realizada no Brasil, a localização, o tipo de obra realizada, a capacidade e o custo final estimado.

Tabela 2 - Estádios da Copa do Mundo da FIFA de 2014, obras e custo final

Estádio (Localização)	*Capacidade*	*Tipo de obra*	*Custo final*
Maracanã (Rio de Janeiro, Rio de Janeiro)	74.745	Reforma	R$ 1,05 bilhão
Mané Garrincha (Brasília, Distrito Federal)	72.700	Reconstrução	R$ 1,403 bilhão
Castelão (Fortaleza, Ceará)	63.904	Reforma	R$ 570,7 milhões
Mineirão (Belo Horizonte, Minas Gerais)	61.927	Reforma	R$ 695 milhões
Estádio Beira-Rio (Porto Alegre, Rio Grande do Sul)	50.842	Reforma	R$ 366,3 milhões
Arena Fonte Nova (Salvador, Bahia)	48.902	Construção	R$ 689,4 milhões
Arena Corinthians (São Paulo, São Paulo)	48.234	Construção	R$ 1,08 bilhão
Arena Pernambuco (Recife, Pernambuco)	45.175	Construção	R$ 532,6 milhões
Arena da Amazônia (Manaus, Amazônia)	44.300	Construção	R$ 533 milhões
Arena Pantanal (Cuiabá, Mato Grosso)	42.423	Construção	R$ 596,4 milhões
Arena da Baixada (Curitiba, Paraná)	42.372	Reforma	R$ 391,5 milhões
Arena das Dunas (Natal, Rio Grande do Norte)*	31.375	Construção	R$ 400 milhões

Fonte: Elaboração própria. Adaptada de Lois (2022).
Nota: * Para cumprir com os requisitos da FIFA, que exigiam uma capacidade mínima de 40.000 lugares, foram utilizados 11.744 assentos móveis.

Conforme levantamento realizado antes e depois da Copa, o custo total das obras dos estádios ultrapassou os R$ 8,4 bilhões (LOIS, 2022). O Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) foi um dos principais financiadores dessas obras, por meio do programa ProCopa Arenas, criado em 2010. Esse programa estabelecia que o BNDES cobriria até 75% do valor de cada obra, com um limite de R$ 400 milhões, e os responsáveis teriam até 15 anos para pagar a dívida, incluindo três anos de carência. Os prazos finais dos contratos dos pagamentos para o BNDES variam entre outubro de 2026 e novembro de 2028.

Dentre os estádios utilizados na Copa, o Estádio Mané Garrincha, sob responsabilidade do Distrito Federal, foi o único que não contou com recursos do BNDES para financiamento. O Distrito Federal se responsabilizou pela construção do Estádio ao custo de mais de R$ 1,4 bilhão. Os únicos

casos em que as dívidas já foram totalmente quitadas são do Mineirão, concedido à Minas Arena em 2010, e da Arena Pernambuco, administrada pelo governo estadual.

Os governos estaduais assinaram o financiamento das obras da Arena da Amazônia, Arena da Baixada, Arena Fonte Nova, Arena Pantanal, Arena Pernambuco, Castelão e Maracanã. Por sua vez, a Arena Corinthians, Arena das Dunas e Beira-Rio são pagas por entidades privadas. Em relação à Arena da Baixada, o Athletico Paranaense teve em abril deste ano um parecer favorável no Tribunal de Contas do Paraná para a divisão dos custos com a prefeitura de Curitiba e o governo estadual (LOIS, 2022).

Importante destacar que alguns estádios são geridos por clubes, como o caso do Maracanã, que é controlado por Flamengo e Fluminense, por meio de Termo de Permissão de Uso, e que aguarda nova licitação; ou por Consórcios, que administram a Arena das Dunas, a Fonte Nova, o Mané Garrincha e o Mineirão. Já a Arena da Amazônia, Arena Pantanal, Arena Pernambuco e Castelão seguem com o setor público (LOIS, 2022).

Aldo Rebelo, que foi ministro do Esporte entre 2011 e 2014, defende as obras realizadas para a Copa e pondera que haveria menos problemas se as instalações tivessem sido construídas mais cedo. O ex-ministro afirma que "não se organiza uma Copa do Mundo improvisando. Organiza com aquilo que já se tem, se faz se tiver os meios" (LOIS, 2022).

Muito dinheiro público por elefantes brancos?

O legado ideal é aquele que consegue ter impactos positivos em todos os aspectos: esportivo, econômico, social e ambiental. O sucesso em todos esses quesitos já é bastante difícil de alcançar com planejamento, e praticamente impossível sem ele (RIBEIRO, 2008). Além dos legados tradicionais, os megaeventos também podem gerar legados intangíveis, como a melhora da imagem das cidades-sede, proporcionando capital simbólico (BOURDIEU, 1984).

Para além do ideal ou simbólico, Chade (2015) infere que não é o legado que garante uma Copa do Mundo para um país, também não é a infraestrutura, os aspectos técnicos da candidatura ou o pensamento estratégico sobre a forma como o Mundial fortalecerá a cultura do futebol. A escolha de uma sede tem ligação com propina para compra de votos, um valor não colocado na conta do custo do megaevento.

A escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo foi envolta em bastidores obscuros (CHADE, 2015), e o cumprimento do pactuado para a sua realização foi marcada por casos de corrupção. O Cade está investigando indícios de conluio entre concorrentes de licitações das obras dos seguintes estádios: Arena da Amazônia, Arena das Dunas, Arena Pernambuco, Castelão, Fonte Nova, Mané Garrincha,

Maracanã e Mineirão. O Ministério Público Federal teve um grupo de trabalho dedicado à Copa, entre 2009 e 2015, para fiscalizar a aplicação de recursos da União. A atuação se concentrou nas obras e serviços da Matriz de Responsabilidades. De acordo com o relatório do MPF para o período entre 2013 e 2015, a atuação do órgão, em conjunto com o TCU e a CGU, garantiu economia de R$ 600 milhões nas obras. A Polícia Federal desencadeou ações ligadas à Copa entre 2007 e 2022. Destacam-se as operações "Panatenaico", sobre problemas na construção do Mané Garrincha; a "Mão na Bola", sobre desvio de dinheiro na Arena das Dunas; e a "Cartão Vermelho", para investigar supostas irregularidades na Arena Fonte Nova.

Embora não seja possível estabelecer uma relação direta entre o custo e a existência de possíveis casos de corrupção, é importante destacar que o Brasil apresenta uma das maiores cargas tributárias do mundo. Nesse contexto, é relevante observar que o valor por cadeira na Copa de 2014 foi superior em comparação às três Copas anteriores, conforme evidenciado na Tabela 3.

Tabela 3 - Gastos em estádios nas Copas do Mundo de 2002, 2006, 2010 e 2014

Copa	*Estádios*	*Preço por cadeira*	*Custo total*
Coreia / Japão 2002	20	US$ 5,070.0	US$ 4,626,639,256
Alemanha 2006	12	US$ 3,442.0	US$ 1,985,883,219
África do Sul 2010	10	US$ 5,299.0	US$ 1,794,379,401
Brasil 2014	12	US$ 6,023.0	US$ 3,831,977,800

Fonte: Elaboração própria. Adaptada de Gaffney (2015).
Nota: Valor do dólar ajustado para 2010.

Uma das críticas feitas anteriormente à realização da Copa no Brasil era em relação à exigência da FIFA de um número de estádios que superava as reais necessidades do evento. Em um país de dimensões continentais como o Brasil, até mesmo a logística se tornou um desafio importante para a realização do evento. Ao todo, foram realizadas 64 partidas durante o evento. O número de partidas disputadas em cada estádio está apresentado na Tabela 4.

Tabela 4 - Número de partidas disputadas nos estádios da Copa do Mundo de 2014

Estádio	*Partidas*
Maracanã; Mané Garrincha.	7
Arena Corinthians; Castelão; Arena Fonte Nova; Mineirão.	6
Arena Pernambuco; Estádio Beira-Rio.	5
Arena da Baixada; Arena das Dunas; Arena da Amazônia; Arena Pantanal.	4

Fonte: Elaboração própria.

Ao analisar o número de partidas disputadas em cada estádio, conforme apresentado na Tabela 4, é possível inferir que a competição poderia ter sido realizada em apenas oito estádios, um para cada grupo da fase inicial. Tal constatação reforça a crítica de que a exigência da FIFA em ter doze estádios no evento foi excessiva e desnecessária.

Na Copa do Mundo de 2022, realizada no Qatar, o número de estádios utilizados no evento foi reduzido para oito, em cinco cidades-sede diferentes. No entanto, a redução não corresponde a uma tendência. Para a Copa de 2026, que será sediada em três países: Estados Unidos, México e Canadá, e será a primeira Copa com 48 equipes – e não mais as 32 equipes atuais – serão utilizados 16 estádios espalhados pelas três nações. Cada país-sede sediará 10 jogos na fase de grupos, enquanto os Estados Unidos sediarão a maioria das partidas da fase eliminatória, incluindo a final. Ainda não foram divulgados quais estádios serão utilizados especificamente em cada cidade-sede, mas o número total de estádios já foi definido (SAMPAIO, 2023).

Além do número superdimensionado de estádios, as exigências do padrão FIFA são elevadíssimas (BRANSKI *et al*., 2013). Entre as exigências, a da sustentabilidade (Quadro 1), frente a qual os estádios seguiram o programa Green Goal, iniciado na Copa da Alemanha, que incentivou o consumo consciente de recursos naturais e materiais biodegradáveis e o uso do transporte público. Com base no padrão FIFA, os estádios também foram equipados com uma ampla gama de instalações e equipamentos internos, tais como estacionamentos, áreas VIPs, campos de jogo, instalações para imprensa e TV e centrais de monitoramento de câmeras, em conformidade com os requisitos da FIFA e do Estatuto do Torcedor (REIS; TELLES; COSTA, 2013).

Com o padrão FIFA, os estádios-sede da Copa do Mundo de 2014 adotaram uma nova identidade visual mais neutra, com cores predominantes como o branco, o prateado e o cinza, em detrimento das cores tradicionais dos clubes locais. A padronização visual imposta pela FIFA, buscando uniformizar e tornar os estádios mais neutros, acabou por ocultar as características e a história dos clubes locais, que faziam parte integrante da identidade dos estádios. Como resultado, os estádios perderam parte de sua singularidade e identidade local, tornando-se mais impessoais e menos conectados com a cultura e a história dos clubes e das cidades em que se encontram (RODRIGUES; DRULA; RECHIA, 2017).

Castilho, Evrard e Charrier (2017) afirmam que a Copa do Mundo resultou em uma "gentrificação" do espaço urbano, com novas "centralidades" e uma infraestrutura esportiva renovada. Em relação aos novos estádios, os autores observaram que, a curto prazo, os gestores não conseguiram implementar medidas capazes de gerar lucro real, mesmo com o aumento constante dos preços dos ingressos desde o início do evento. O alto custo da nova infraestrutura esportiva não permitiu uma política de redução de preços para os ingressos, ao mesmo tempo em que o público, em comparação com o público de outros países, permaneceu abaixo de seu potencial real. De acordo com essa nova lógica, os grandes perdedores parecem ser os torcedores da classe trabalhadora que não conseguem adquirir ingressos. Os estádios da Copa do Mundo, financiados com dinheiro público e controlados por

interesses privados, têm sido utilizados como mundos de consumo isolados de seus contextos urbanos e culturais (BAUMAN, 2007).

Antes da Copa do Mundo de 2014, Reis, Telles e Costa (2013) projetaram que a construção dos estádios para o megaevento traria uma série de benefícios para o Brasil, incluindo conforto, modernidade, segurança e a potencial criação de legislações para conservá-los e servir como modelo sustentáveis de novas construções. Apesar desses benefícios, os autores anteviram a possibilidade de que algumas das arenas, como a Arena Amazônia, Arena Pantanal e o Estádio Mané Garrincha, pudessem se tornar "elefantes brancos" devido à baixa expressividade dos clubes locais no cenário nacional.

Quase uma década depois da Copa do Mundo no Brasil, a situação dos estádios utilizados na sua realização é exposta no Quadro 2:

Quadro 2 - Situação atual do Estádios da Copa de 2014

Estádio	*Situação atual*
Maracanã	O estádio é utilizado principalmente para jogos de futebol, mas também para shows e outros eventos culturais e esportivos. É considerado um patrimônio histórico e cultural do Brasil, um símbolo da cidade do Rio de Janeiro e um ponto turístico de grande relevância. É também um importante ator econômico, gerando empregos diretos e indiretos. Entre os aspectos negativos estão o impacto ambiental causado pelo estádio, os problemas com a manutenção do estádio e com a infraestrutura do entorno, como o acesso e o transporte público. A gestão do estádio tem sido alvo de críticas, principalmente em relação à transparência e à eficiência na utilização dos recursos públicos.
Mané Garrincha	O estádio, um dos mais modernos e tecnológicos do Brasil, é utilizado principalmente para jogos de futebol, mas também para shows, atividades culturais e sociais. É considerado ponto turístico ator na economia local, gerando empregos e movimentando o comércio. Entre os aspectos negativos são criticados o superfaturamento e baixa utilização. A gestão é da BSB Boulevard Show de Bola.
Castelão	O estádio foi considerado um dos estádios com melhor legado da Copa do Mundo de 2014 no Brasil. Tem se configurado um importante palco para o futebol local, atraindo grandes jogos e eventos esportivos. Mas também se tornou um espaço multiuso para a realização de shows e eventos culturais, o que contribui para a economia local e geração de empregos. Também gerou impactos sociais e ambientais significativos, como a remoção de famílias e a degradação da área verde no entorno. Além disso, o alto custo da construção e manutenção do estádio tem sido um problema para a gestão pública local.
Mineirão	O estádio tem uma grande importância histórica e cultural para a região. Além de ser um importante centro esportivo, é utilizado para outros eventos, como shows e eventos corporativos. O estádio tem sido criticado por gerar problemas de trânsito e estacionamento na região. A gestão do estádio tem sido alvo de críticas, especialmente em relação à manutenção e infraestrutura.
Estádio Beira-Rio	O estádio tem sido utilizado principalmente para jogos do Internacional, clube que o administra. Mas também tem sido palco para shows e eventos culturais. A sua importância para a região está relacionada ao fato de ser um dos principais estádios do Sul do Brasil e movimentar a economia local. Entre os problemas gerados são relatados o trânsito caótico e a falta de estacionamento em dias de jogos e eventos. Além disso, há críticas quanto à gestão do estádio, principalmente em relação à falta de transparência e ao uso inadequado de recursos públicos na sua reforma para a Copa do Mundo.
Arena Fonte Nova	Considerada um dos poucos legados positivos da Copa do Mundo de 2014, a Arena é vista como uma das principais infraestruturas esportivas da Bahia e um importante local para grandes eventos culturais, como shows e festivais, trazendo consigo benefícios econômicos, como aumento do turismo e geração de empregos na região. O alto custo de manutenção e a falta de uso para jogos de futebol após a Copa do Mundo são apontados como problemas. A gestão é realizada por uma parceria público-privada entre o governo do estado da Bahia e a Fonte Nova Negócios e Participações S.A. (FNP), que detém a concessão do estádio. A parceria tem sido considerada positiva e um modelo a ser seguido para a gestão de outros estádios no país.
Arena Corinthians	A Arena tem sido amplamente utilizada para jogos de futebol e outros eventos, como shows e feiras. A construção do estádio promoveu a regeneração urbana da região de Itaquera, na zona leste de São Paulo. No entanto, alguns problemas foram gerados, como o aumento do tráfego de veículos e a especulação imobiliária na região. A gestão da Arena foi criticada pela falta de transparência em relação aos custos da construção e pela dívida do clube que a administra.
Arena Pernambuco	Esta Arena foi a única do torneio de 2014 construída fora de uma capital. A justificativa do governo pernambucano era de que o empreendimento, que fica a 15 km do Centro do Recife, resultaria em uma cidade planejada e exemplo de desenvolvimento urbano. É utilizada por clubes de futebol locais, além de receber shows e outros eventos. É alvo de críticas devido aos custos da obra e à sua localização distante do centro da cidade. Além disso, a gestão do estádio foi alvo de polêmicas, com denúncias de superfaturamento nas obras e problemas de manutenção. A gestão do estádio foi assumida pelo governo de Pernambuco após a Copa do Mundo, mas atualmente está sob responsabilidade da empresa Odebrecht Realizações Imobiliárias (OR), que venceu a licitação para gerir o equipamento por um período de 30 anos.
Arena da Amazônia	A utilização da Arena tem sido limitada, com poucos jogos realizados em sua estrutura. Apesar de ser uma construção moderna e imponente, tem gerado polêmicas e problemas para a região. Seu custo de construção foi bastante elevado e gerou críticas por parte da população, que argumenta que o dinheiro público poderia ter sido investido em outras áreas. Além disso, a manutenção do estádio tem sido onerosa e difícil, e sua localização afastada do centro da cidade dificulta a atração de eventos e a realização de jogos. A gestão da Arena Amazônia tem sido bastante criticada, com problemas de transparência e eficiência na administração do estádio.
Arena Pantanal	A utilização do estádio tem sido limitada e pouco frequente. A Arena Pantanal foi construída com a promessa de trazer desenvolvimento para a região, mas enfrentou problemas de gestão e falta de planejamento. A falta de eventos e a manutenção custosa têm gerado prejuízos para o estado. Além disso, o entorno da arena sofre com a falta de infraestrutura e serviços públicos adequados. Houve também denúncias de irregularidades em obras e desvio de recursos públicos na construção do estádio. A gestão da arena tem sido alvo de críticas, com a falta de transparência e de uma gestão eficiente.
Arena da Baixada	A Arena da Baixada, estádio do Athletico Paranaense, passou por uma grande reforma para sediar jogos da Copa do Mundo de 2014. Após o evento, o estádio se consolidou como uma importante arena multiuso para a realização de eventos esportivos, musicais e culturais. A importância para a região se dá principalmente pelo seu potencial de atrair turismo e movimentar a economia local. No entanto, o processo de construção e reforma do estádio gerou impactos negativos, como a remoção de moradores de baixa renda da região e a destruição de patrimônios históricos. A gestão da arena é de responsabilidade do Clube Athletico Paranaense, que busca formas de tornar o estádio autossustentável, principalmente através da realização de eventos e da exploração de áreas comerciais.
Arena das Dunas	A Arena é utilizada principalmente para jogos de futebol, além de shows e outros eventos. A importância para a região, apontada como justificativa para a construção, estava relacionada a impulsionar o turismo e a economia local durante a realização da Copa do Mundo, já que o estádio está localizado em uma região turística da cidade. No entanto, após o evento, a utilização do estádio tornou-se um problema, uma vez que as equipes locais de futebol não conseguem atrair grandes públicos, e a administração do estádio tem enfrentado dificuldades financeiras. Além disso, o entorno da arena sofre com a falta de infraestrutura, incluindo transporte público e estacionamento, o que dificulta o acesso e afasta o público.

Fonte: Elaboração própria. Adaptado de G1 (2022).

A Tabela 5 apresenta o número de partidas realizadas nos estádios da Copa do Mundo após o evento até o final de 2022, considerando as duas principais divisões do futebol brasileiro, as séries A e B do Campeonato Brasileiro.

Tabela 5 - Utilização dos estádios da Copa do Mundo da FIFA de 2014

Estádio	*Número de jogos por ano**	*Média anual de jogos*
Maracanã	279	32,82
Castelão	260	30,59
Mineirão	216	25,41
Arena Corinthians	168	19,76
Estádio Beira-Rio	167	19,65
Arena da Baixada	165	19,41
Arena Fonte Nova	152	17,88
Arena Pernambuco	115	13,53
Arena Pantanal	90	10,59
Mané Garrincha	33	3,88
Arena das Dunas	28	3,29
Arena da Amazônia	7	0,82

Fonte: Elaboração própria.
Nota: * O período considerado foi desde o encerramento da Copa do Mundo até o final de 2022.

Considerando a classificação proposta no presente estudo, tem-se sete estádios com utilização adequada (Maracanã, Castelão, Mineirão, Arena Corinthians, Estádio Beira-Rio, Arena da Baixada e Arena Fonte Nova), dois com utilização questionável (Arena Pernambuco e Arena Pantanal) e três com utilização inadequada (Mané Garrincha, Arena das Dunas e Arena Amazônica).

Em estudo similar, que analisou o uso esportivo das 12 arenas legadas da Copa do Mundo FIFA Brasil 2014 nas competições nacionais de futebol brasileiro entre 2014 e 2019, foi revelado um uso não aleatório e influenciado por diversos fatores, como a presença de equipes de elite, o desempenho e a competitividade das equipes, além de questões políticas e de gestão (REIS; COSTA; TELLES, 2021). Em média, o índice de uso esportivo foi de ≅23 jogos/ano. Os autores consideram de 23 jogos ao ano como um bom número, situado dentro do padrão europeu. No entanto, algumas arenas foram pouco utilizadas, como Mané Garrincha, Arena da Amazônia e Arena das Dunas, que foram classificadas como "elefantes brancos" pelos autores, devido ao baixo uso e alto custo de manutenção. Por outro lado, as arenas Castelão e Maracanã tiveram um uso excessivo, ultrapassando a marca de 200 partidas no período avaliado.

Algumas análises permitem aproximações com o resultado encontrado. Barros (2016) identifica que poucos estádios apresentam viabilidade econômica após a Copa do Mundo. Uma possível explicação para a baixa rentabilidade das arenas brasileiras pode estar relacionada ao fato de que o modelo de estádio de futebol como arena multiuso ainda é relativamente novo no país e, portanto, pode não ter sido plenamente explorado pelos administradores dos empreendimentos. Apenas a Arena

Pernambuco, a Arena Beira Rio e a Arena da Baixada apresentaram viabilidade, sendo que esta última apenas quando a taxa de poupança foi usada para descontar os fluxos de caixa. O Maracanã também mostrou viabilidade em alguns cenários. Além disso, verificou-se que as arenas que apresentaram viabilidade econômica tinham altas receitas provenientes de jogos de futebol, eventos e venda de camarotes. O investimento também influenciou na viabilidade, já que as arenas que menos investiram na Copa do Mundo apresentaram melhor desempenho financeiro.

Nobre (2017), ao realizar uma análise crítica dos benefícios e custos da organização de megaeventos esportivos para as cidades-sede e avaliar se os equipamentos cumpriram as promessas de desenvolvimento econômico e social feitas pelos governos e organizadores do evento, conclui que os estádios foram projetados e construídos sem o envolvimento das comunidades locais, resultando em baixa apropriação e uso desses espaços após o evento. Além disso, muitos foram construídos em áreas periféricas, distantes dos centros urbanos e sem boa infraestrutura de transporte. Os estádios também foram superdimensionados, gerando altos custos de manutenção para as cidades-sede, e muitos enfrentaram dificuldades financeiras após o evento, com baixo número de eventos e dificuldade em gerar receita para cobrir os custos de manutenção.

Gaffney (2015) aponta para o fato que os estádios modernos, midiáticos e tecnologicamente sofisticados, financiados com dinheiro público para beneficiar empresas privadas, são excludentes e proporcionam tratamento VIP diferenciado, além de um aparato de segurança capaz de identificar a cor dos olhos, refletindo os interesses do poder público em atender aos interesses privados em vez do público em geral. A simbologia da arquitetura dos estádios está associada ao mundo do consumo, da fragmentação social, de shoppings e condomínios fechados. O investimento bilionário nos estádios da Copa, no topo da pirâmide esportiva, tem um custo de oportunidade significativo, pois impede o investimento na base, no cotidiano e no futuro. Ao adotar um modelo estrangeiro de estádio, o poder público abdicou de incorporar a história e cultura dos torcedores brasileiros, negando essa riqueza e contribuindo para o seu esvaziamento. Para Gaffney (2015), os estádios tornam-se não lugares, em que eventos esportivos são complementados com a "exploração" dos "direitos ao lugar", como shows, festas e outros eventos, em que o público que financiou a construção dos estádios será o mesmo público que pagará novamente para frequentá-los. A privatização dos estádios da Copa garante que o cidadão comum não tenha acesso ao espaço público e que não possa garantir o seu direito constitucional ao esporte e lazer (GAFFNEY, 2015).

Contrastando com as outras Copas realizadas neste século, a proximidade entre a da África do Sul e a do Brasil é notável, principalmente na repetição de erros, mas não apenas. Antes do evento, tanto a África do Sul como o Brasil apresentavam sérios problemas econômicos e sociais, que geraram

protestos contra o evento. Faltava o básico para a população (BUTLER; AICHER, 2015). Os equívocos organizacionais, como as sedes operando de forma independente, também foram comuns e limitaram os legados.

Como o terceiro país dos BRICS a sediar uma Copa no século XX, a Rússia poderia ter buscado um legado semelhante ao da África do Sul e do Brasil. No entanto, a conotação neopatrimonialista atribuída ao megaevento na Rússia (WOLFE; MÜLLER, 2018) desviou significativamente dos objetivos pretendidos em termos de legado. Os legados almejados pela Coreia do Sul, Japão e Alemanha, países desenvolvidos, assim como pelo Catar, um país de alta renda considerado desenvolvido em algumas classificações, também foram bastante distintos dos buscados pela África do Sul e pelo Brasil.

Outra semelhança entre as Copas da África do Sul e do Brasil foi a projeção dos estádios. Apesar de vários estádios superprojetados e com custos exorbitantes (HUMPHREY; FRASER, 2016) poderem ser considerados legados positivos, outros se revelaram negativos devido à subutilização associada a custos elevados de manutenção (MOLLOY; CHETTY, 2015). Questões como a realocação de comunidades marginalizadas e o custo de manutenção também são relevantes para a avaliação do legado e não podem ser esquecidas.

O padrão FIFA é elevado, e os países que pleiteiam a condição de sede de uma Copa do Mundo têm ciência desse fato. Nesse sentido, a posição de Molloy e Chetty (2015) é correta ao indicar que, naquele momento, a África do Sul e o Brasil arcaram com o custo do entretenimento esportivo mundial, tendo capacidade limitada. Mais do que o legado, os países buscaram atrair investimentos estrangeiros e turismo, chamar a atenção da mídia, exibir modernidade e transmitir imagens positivas para o mundo (MANZO, 2012). A ideia futurista destacada por Manzo (2012) se amoldou perfeitamente ao evento brasileiro: “futebol agora, desenvolvimento depois”.

Ao desagregar os países com objetivos bastante distintos, nos quais os estádios não são vistos como legados centrais, e o caso do Catar, com um estádio desmontável, merece destaque, pode-se inferir que as expectativas infladas nos anos que antecederam os eventos nunca foram completamente realizadas, deixando um sentimento de frustração. A posição de Preuss, Solberg e Alm (2014), de que as receitas tangíveis geradas tendem a ser moderadas em comparação com os investimentos, é congruente com a realidade. A Copa do Mundo tem se tornado uma estratégia de soft power (BRANNAGAN; GIULIANOTTI, 2015), na qual o legado do estádio é uma justificativa necessária.

CONCLUSÃO

A análise dos estádios utilizados na Copa do Mundo de 2014, sediada no Brasil, revela que, dentre os 12 estádios construídos para o evento, apenas sete apresentam uso adequado, os quais foram caracterizados como legado positivo. Por outro lado, os estádios caracterizados como legado negativo se encontram em situação deficitária. De forma geral, a construção desses estádios ocorreu sem a participação das comunidades locais e em áreas periféricas, resultando em pouca apropriação e uso desses espaços após o evento.

Ademais, constatou-se que o modelo de estádio de futebol "arena multiuso" é excludente e reflete os interesses do poder público em atender aos interesses privados, em detrimento do público em geral. A análise dos estádios da Copa do Mundo evidenciou a necessidade de repensar o modelo de construção e gestão desses equipamentos esportivos, buscando torná-los mais sustentáveis, inclusivos e capazes de atender às necessidades e expectativas das comunidades locais.

Outra constatação importante é que o número de 12 estádios para um evento com 32 seleções é excessivo. Além disso, o legado prometido pela FIFA, depois de uma década, mostrou-se uma falácia, deixando claro a necessidade de se repensar os investimentos em eventos esportivos de grande porte, a fim de garantir a sustentabilidade financeira, social e ambiental dessas iniciativas.

REFERÊNCIAS

AL SHOLI, H. Y. *et al*. “How circular economy can reduce scope 3 carbon footprints: Lessons learned from FIFA world cup Qatar 2022”. **Circular Economy**, vol. 2, n. 1, 2023.

AMARAL, R. G.; PEREIRA, I. S.; SANTANA, A. S. “Copa do Mundo no Brasil: evento global e desenvolvimento local”. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, n. 10, 2010.

BARROS, T. S. “Análise de viabilidade econômica dos estádios da Copa do Mundo FIFA 2014”. **Revista Gestão Organizacional**, vol. 9, n. 1, 2016.

BAUMAN, Z. **Consuming fife**. Cambridge: Polity Press, 2007.

BETTINE, M. “A mídia internacional nas Copas da FIFA: análise da África do Sul, Brasil, Rússia e Catar”. **Revista Mosaico**, vol. 25, n. 13, 2023.

BONDARIK, R.; PILATTI, L. A.; HORST, D. J. “Sports mega-events and overestimated promises: the case of the 2014 FIFA World Cup in Brazil”. **Journal of Tourism and Cultural Change**, vol. 18, n. 3, 2020.

BOURDIEU, P. **Distinction**: A social critique of the judgement of taste. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

BOYKOFF, J.; GAFFNEY, C. "The Tokyo 2020 Games and the End of Olympic History". **Capitalism Nature Socialism**, vol. 31, n. 2, 2020.

BRANNAGAN, P. M.; GIULIANOTTI, R. "Soft power and soft disempowerment: Qatar, global sport and football's 2022 World Cup finals". **Leisure Studies**, vol. 34, n. 6, 2015.

BRANSKI, R. M. *et al*. "Infraestruturas nas Copas do Mundo da Alemanha, África do Sul e Brasil". **Cadernos Metrópole**, vol. 15, n. 30, 2013.

BUTLER, B. N.; AICHER, T. J. "Demonstrations and displacement: social impact and the 2014 FIFA World Cup". **Journal of Policy Research in Tourism, Leisure and Events**, vol. 7, n. 3, 2015.

CASTILHO, C. T.; EVRARD, B.; CHARRIER, D. "2014 FIFA World Cup in Brazil: Gentrification of Brazilian football". **Sociology and Anthropology**, vol. 5, n. 9, 2017.

CASTRO, S. B. E.; SOUZA, D. L. "The Olympic and Paralympic Games Rio 2016: proposals for educational, participation and elite sport". **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, vol. 29, n. 3, 2015.

CHADE, J. **Política, propina e futebol**: Como o "padrão FIFA" ameaça o esporte mais popular do planeta. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2015.

CHAPPELET, J. L. "Winter Olympic referendums: Reasons for opposition to the games". **The International Journal of the History of Sport**, vol. 38, n. 13, 2021.

COSTA, G. "Sediar megaeventos esportivos vale à pena?". **O Social em Questão**, n. 29, 2013.

DANSERO, E.; PUTTILLI, M. "Mega-events tourism legacies: the case of the Torino 2006 Winter Olympic Games – a territorialisation approach". **Leisure Studies**, vol. 29, n. 3, 2010.

DENG, Y.; POON, S.; CHAN, E. "Planning mega-event built legacies – A case of Expo 2010". **Habitat International**, vol. 53, 2016.

EICK, V. "Lack of legacy? Shadows of surveillance after the 2006 FIFA World Cup in Germany". **Urban Studies**, vol. 48, n. 15, 2011.

FIFA. "FIFA Football stadiums guidelines". **FIFA** [2011]. Disponível em: <www.fifa.com>. Acesso em: 07/06/2023.

G1. "Oito anos depois, legado da Copa de 2014 no Brasil nos arredores dos estádios é ambíguo". **G1** [2022]. Disponível em: <www.g1.globo.com>. Acesso em: 07/06/2023.

GAFFNEY, C. "Arenas de conflito: os processos conflituosos durante a preparação para a Copa do Mundo no Brasil". *In*: SANTOS JUNIOR, O. A.; GAFFNEY, C.; RIBEIRO, L. C. Q. (orgs.). **Brasil**: os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olímpiadas 2016. Rio de Janeiro: Editora E-papers, 2015.

HAHM, J.; KANG, T.; MATSUOKA, H. "From inspiration to nostalgia: the football participation legacy of the 2002 FIFA World Cup Korea/Japan". **Sport in Society**, vol. 23, n. 12, 2020.

HORNE, J. "The global game of football: The 2002 World Cup and regional development in Japan". **Third World Quarterly**, vol. 25, n. 7, 2010.

HUMPHREY, L.; FRASER, G. “2010 FIFA World Cup stadium investment: Does the post-event usage justify the expenditure?”. **African Review of Economics and Finance**, vol. 8, n. 2, 2016.

KAPLANIDOU, K. *et al*. “Business legacy planning for mega events: The case of the 2022 World Cup in Qatar”. **Journal of Business Research**, vol. 69, n. 10, 2016.

LI, S.; MCCABE, S. “Measuring the socio-economic legacies of mega-events: Concepts, propositions and indicators”. **International Journal of Tourism Research**, vol. 15, 2012.

LOIS, R. N. **A conta que não fecha**: uma investigação sobre os custos da Copa do Mundo FIFA 2014 com técnicas de jornalismo de dados (Dissertação de Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais). Rio de Janeiro: FGV, 2022.

MANZO, K. “Visualising modernity: development hopes and the 2010 FIFA World Cup”. **Soccer and Society**, vol. 13, n. 2, 2012.

MILITO, M. C.; JUNIRO, S. M.; ALEXANDRE, M. L. “Factores que influyen en el apoyo que los residentes dan a los megaeventos”. **Estudios y Perspectivas en Turismo**, vol. 24, n. 1, 2015.

MOLLOY, E.; CHETTY, T. “The rocky road to legacy: Lessons from the 2010 FIFA World Cup South Africa Stadium Program”. **Project Management Journal**, vol. 43, 2015.

MOORE, K. “A second ‘Maracanazo’? The 2014 FIFA World Cup in historical perspective”. **Sport in Society**, vol. 20, n. 5, 2017.

MÜLLER, M.; WOLFE, S. D. “World Cup Russia 2018: Already the most expensive ever?”. **Russian Analytical Digest**, vol. 150, 2014.

MUNDIM, P. S.; SILVA, G. M. A. “The World Cup and presidential popularity in Brazil”. **Brazilian Political Science Review**, vol. 13, n. 3, 2019.

NOBRE, E. A. C. “The 2014 FIFA World Cup in Brazil”. *In*: NOBRE, E. A. C. (ed.). **Sports mega-events and urban legacies**: The 2014 FIFA World Cup, Brazil. London: Palgrave Macmillan, 2017.

OLIVEIRA, E. M. F. “O ópio do povo? O futebol e as manifestações políticas no Brasil entre 2013 e 2020”. **Sociedade e Cultura**, vol. 24, 2021.

PILLAY, U.; TOMLINSON, R.; BASS, O. (eds.). **Development and dreams**: The urban legacy of the 2010 football World Cup. Cape Town: HSRC Press, 2009.

PREUSS, H. “The conceptualisation and measurement of mega sport event legacies”. **Journal of Sport and Tourism**, vol. 12, n. 3, 2010.

PREUSS, H.; SOLBERG, H.A.; ALM, J. “The challenge of utilizing World Cup venues”. *In*: FRAWLEY, S.; ADAIR, D. (eds.). **Managing the Football World Cup**. London: Palgrave Macmillan, 2014.

PRONI, M. W.; FAUSTINO, R. B.; SILVA, L. O. **Impactos econômicos de megaeventos esportivos**. Belo Horizonte: Editora Casa da Educação Física, 2014.

REIS, R. M. *et al*. “Management and legacy of the Brazil 2014 FIFA World Cup during its candidacy bid”. **Motriz: Revista de Educação Física**, vol. 25, n. 2, 2019.

REIS, R. M.; COSTA, L. P.; TELLES, S. C. C. “Measuring the legacy of mega-events: sportive usage index of the Brazil 2014 FIFA World Cup™”. **Motriz: Revista de Educação Física**, vol. 27, 2021.

REIS, R. M; TELLES, S. C. C.; COSTA, L. P. “Estádios da Copa de 2014: perspectivas de um legado”. **Pensar a Prática**, vol. 16, n. 2, 2013.

RIBEIRO, F. T. “Legado de megaeventos esportivos sustentáveis: a importância das instalações esportivas”. *In*: COSTA, L. P. *et al*. **Legados de megaeventos esportivos**. Brasília: Ministério dos Esportes, 2008.

RIBEIRO, T. *et al.* “Resident attitudes toward the Rio 2016 Olympic Games: A longitudinal study on social legacy and support behaviours”. **Journal of Hospitality and Tourism Management**, vol. 50, 2022.

RODRIGUES, E. A. P. C.; DRULA, A. J.; RECHIA, S. “Do rubro-negro ao neutro da FIFA: uma análise das transformações dos estádios-sede da Copa do Mundo de 2014”. **Movimento**, vol. 23, n. 4, 2017.

SAMPAIO, M. A. P. “A internacionalização da seleção brasileira (1930-2022)”. **Revista do Departamento de Geografia**, vol. 42, 2023.

SANTOS JUNIOR, O. A.; LIMA, C. G. R. “Impactos econômicos dos megaeventos no Brasil: investimento público, participação privada e difusão do empreendedorismo urbano neoliberal”. *In*: SANTOS JUNIOR, O. A.; GAFFNEY, C.; RIBEIRO, L. C. Q. (orgs.). **Brasil**: os impactos da Copa do Mundo de 2014 e das Olimpíadas de 2016. Rio de Janeiro: Editora E-papers, 2015.

SCHEU, A.; PREUSS, H. “Residents’ perceptions of mega sport event legacies and impacts”. **German Journal of Exercise and Sport Research**, vol. 48, 2018.

WELLINGS, P. “South Africa's World Cup: A legacy for whom?”. **The International Journal of the History of Sport**, vol. 29, n. 18, 2012.

WOLFE, S. D.; MÜLLER, M. “Crisis neopatrimonialism Russia’s new political economy and the 2018 World Cup”. **Problems of Post-Communism**, vol. 65, n. 2, 2018.

ZORZO, F. A. “A cultura urbana contemporânea e os estudos interdisciplinares – o caso do patrimônio cultural ligado aos megaeventos esportivos dos anos 2010”. **Políticas Culturais em Revista**, vol. 2, n. 6, 2013.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano V | Volume 14 | Nº 42| Boa Vista |2023

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima